

CARTA I**De Z. para X.**

N., 3 de Outubro de 1995

Querida X.:

Se falámos há pouco pelo telefone, vejo mal que razões tão «ponderosas» possam existir para que te escreva. A insistência com que tens alimentado esta correspondência deixa-me perplexo, e estou à espera, aliás, do momento em que confirmarei que não passa de mais um capricho, um desses traços do teu *whimsical behaviour*, como dizes, e a que me foste habituando de ano para ano. A distância ou a separação, creio eu, são factores irrisórios, pelo menos no mundo actual, moderno ou pós-moderno, como queiras, em que se comunica *tele* e tudo é *móvel* (até nas berças: ainda hoje de manhã, enquanto lia o jornal naquela esplanada manhosa perto de casa, aprendi bastante sobre *stocks* de perfis de alumínio graças a um bimbo com uma camisa feita de pano de barraca de praia que, no passeio, andando de um lado para o outro, «comunicava» entusiasmado com um cliente ou colega de trabalho, não percebi bem). Confesso, ou protesto mais uma vez, que escrever cartas me chateia, ou melhor, já que escrevo, me entedia: é assim uma espécie de *logografia*, em que se vai dizendo ou escrevendo seja o que for, porque o mais importante é haver carta, a carta em si mesma e por si mesma, diga ela o que disser. Aliás, se calhar, até acabas por ter razão: talvez se justifique escrever cartas quando não precisamos delas para falar com o outro ou com os outros. Já pensaste no que faria o Valmont com um telemóvel? Talvez possas vender esta ideia a alguém da publicidade: o Valmont telefonando à Michelle Pfeiffer, dentro de uma carruagem puxada

por cavalos com antenas, e o Laclos suicidando-se depois de rasgar páginas e páginas do romance. Pelo meu lado, adopto o caminho oposto, e ainda hei-de pensar se não deveria escrever uma pequena monografia esclarecendo a influência do telefone sobre o romance epistolar: influência libertadora, é claro, porque as personagens, podendo telefonar para marcar encontros secretos ou públicos, para se insultarem ou acarinharem, ficam com as cartas para repetir e alongar o assunto resumida mas eficazmente *comunicado* pelo telefone. Seria a pura inutilidade, a manifestação por si mesma, o gosto de escrever sem assunto, sem necessidade ou urgência de comunicar. Mais ou menos o que se passa, portanto, com o meu malfadado romance, que ali está parado (isso mesmo: não avancei uma linha), quando o importante não é que avance ou deixe de avançar, mas que se complete e *exista*. Disseste-me no outro dia que a escolha deste local e o isolamento que implica eram a raiz do desaire, que eu preciso de trânsito, mau cheiro e montras, mas acho que te enganas. A verdade é que estou cada vez mais convencido de que, muito simplesmente, *não tenho romance para escrever*, quando muito os vagos contornos de uma história, delineada sem grande imaginação, como tu própria foste a primeira a dizer, e louvado seja Deus pela franqueza que te insuflou no espírito. Essa é que é a raiz do desaire. Por que raio me lembrei de escrever um romance? Por que raio tantas pessoas de tantas profissões diferentes, de advogados a poetas, se lembram de escrever romances? A razão é só uma: visibilidade. As pessoas querem ser vistas, e as pessoas que escrevem alguma coisa querem escrever alguma coisa que as torne visíveis aos olhos do maior número possível de pessoas, tanto aos olhos de outras pessoas que escrevem como das que nada escrevem ou *hardly* lêem. Pois eu, numa palavra, estou farto da penumbra, da sombra, da cortina, do bastidor, do raio que o parta: eu, numa palavra, quero tornar-me visível, pôr-me em posição de ser visto. Eu, numa palavra, resolvi escrever um romance porque não tinha nem romance para escrever nem outro meio de me tornar visível. E, para isso, vim para o meio do nada, onde não vejo ninguém e ninguém me

vê. Pois agora, neste estado de espírito negro, ou pelo menos cinzento, acho que atingirei a visibilidade bem mais depressa se escrever um ensaio-ficção provocatório com o título *Telemóvel e Sexo Oral*. Como vês, entre escrever isto e dizer que abandonei o projecto do romance, a diferença é pouca ou nenhuma. E assim até acabo mesmo por dizer uma coisa que não te disse há pouco pelo telefone. Já tinha decidido mandar o romance para o brejo, mas não to disse, com receio de que me perguntasses quando iria, então, embora daqui. Não tinha pronta nenhuma resposta convincente, e com franqueza não me apetece voltar. Bem não direi que estou, mas pelo menos ninguém me chateia. Olha, vê se me arranjas um crime. O meu romance não tem crime e sem crime, se calhar, não se faz um romance. Outra ideia: o Laclos, em vez de se suicidar, escreve a história do assassino do telemóvel.

Beijinhos,

a) **Z.**

CARTA II

De Z. para X.

N., 3 de Outubro de 1995

Querida X.:

Tentei telefonar várias vezes, mas estava impedido (falavas com quem?). Vai esta na aberração do correio azul a ver se chega antes da outra, que foi em correio normal. Desconsidera o que digo a respeito do romance quando a leres, e se já a leste faz de conta que não disse nada. Há bocado, surpreendi uma conversa muito curiosa naquele cafezinho da estrada. Acho que já tenho o crime, e até se ajusta perfeitamente à história que me interessa contar. Mas preciso de voltar ao café para apurar uns pormenores que me escaparam. Depois te conto.

Beijinhos,

a) **Z.**

PS.: Outra ideia: o Valmont comprando um telemóvel e o funcionário da Telecel mostrando-lhe fotografias da Michelle Pfeiffer com o Malkovich e dizendo, num tom insinuante: «— Que fariam eles com um telemóvel?». Actor para fazer de Valmont?

*CARTA III***De Z. para Y.**

N., 3 de Outubro de 1995

Caro Y.:

Não sei lá que vida é a tua, mas nunca estás em casa. Telefonei nas mais diversas horas e nem o gravador me atendeu. Que andas a fazer? Acabo de escrever à X., e começo a sentir alguns remorsos. Continuo a entretê-la com a história do romance, mas mais dia menos dia tenho que arrumar esta situação e esclarecer as coisas de vez. Reconheço que a coisa me dá um certo gozo, até porque vou apurando a técnica da mistificação, sempre proveitosa neste como em todos os tempos. Hoje, por exemplo, escrevi uma carta meio desesperada, dizendo-lhe que o romance está parado, que não avanço há dois meses, que desisto, e lá lhe fui dizendo que não tenciono voltar tão cedo. Logo a seguir, escrevi outra, que mandei em correio azul para chegar primeiro, dizendo-lhe que desconsiderasse a primeira, porque tinha arranjado uma ideia, um crime que me fazia falta, e não sei que mais. Claro que o propósito da segunda carta é atrair-lhe a atenção para a primeira, e confio que os nossos laboriosos serviços postais não me vão pregar a partida de fazer chegar mais tarde a que foi em correio azul. De qualquer modo, ela continua a insistir para que eu lhe escreva, e eu já pensei se não devia mesmo amanhar um romance com o raio das cartas, que são a única coisa que escrevo, e bem me custa, podes crer, arranjar assunto para pelo menos duas páginas (o mínimo exigido pela nossa amiga). Se a encontrares, faz de conta que nada sabes de mim, pede notícias, pergunta pelo romance, e se ela te der algum sinal de que desconfia, te-